

O assalto à democracia

Trump deve ser responsabilizado pelo incitamento à insurreição. Se não o for pela 25.^a emenda, deve sê-lo pelo impeachment.



Nuno Severiano Teixeira

Público | 13 de Janeiro de 2021, 0:20

É impensável e, no entanto, não foi uma surpresa. O assalto ao Capitólio por uma turba violenta de extrema-direita, incitada pelo Presidente, não é mais que o corolário de quatro anos de erosão da democracia levada a cabo pela administração Trump. As eleições são a essência da democracia. Quem perde aceita a derrota e abandona, voluntariamente, o poder. Quem ganha aceita a responsabilidade da vitória e assume, legitimamente, o poder. O assalto ao Capitólio no momento em que o Congresso votava a confirmação dos resultados eleitorais, com o objectivo de a impedir, é a expressão simbólica do ataque à essência da democracia. Mas a democracia é mais do que as eleições. É a separação de poderes, um sistema de *checks and balances* e um conjunto de regras informais que impedem o poder absoluto e garantem o estado de direito.

Ora, foi tudo isso que o Trump, no meio do caos, atacou sempre com método. Atacou a verdade e a imprensa, as redes sociais e as instituições. Atacou a independência do poder judicial e quis o controlar o Supremo Tribunal. Quis apoucar do legislativo, em particular da Câmara dos Representantes, onde não tinha maioria. E, finalmente, engrandecer o seu próprio executivo. Isto é, atacou tudo e todos os que poderia contrariar o seu poder. E a retórica populista serviu, sempre, para esconder o impulso autoritário. Que o assalto ao Capitólio tornou, agora, mais que evidente. Mas o que foi, afinal, o assalto ao Capitólio?

A contestação de eleições é um fenómeno comum. Como é comum o uso da força para manter, ilegitimamente, o poder. Comum, entenda-se, em autocracias eleitorais ou democracias iliberais, geralmente de países em desenvolvimento. O que não é comum, é que tal aconteça em democracias consolidadas onde as disputas eleitorais são dirimidas em comissões eleitorais ou nos tribunais. E muito menos na democracia americana. Cientistas políticos e historiadores debateram a natureza do fenómeno. Não se tratou, certamente, de um golpe militar porque as

Forças Armadas não tiveram qualquer intervenção. Dificilmente se poderá classificar de autogolpe, porque ainda aí haveria lugar ao uso da força militar que as Forças Armadas recusaram ao Presidente.

A violência não veio dos militares, mas sim da rua. Foram grupos civis de extrema-direita, alguns armados, incitados pelo Presidente e com a sua protecção política quem invadiu o Capitólio. Não se tratou, pois, de um golpe, mas de uma insurreição ou talvez melhor de uma sedição. E a precisão teórica é importante, não por deleite académico, mas porque clarifica a responsabilidade política e criminal. O primeiro responsável é, certamente, o Presidente que durante quatro anos atacou as instituições e as regras democráticas e flirtou com os valores autoritários. Que dividiu os americanos e propagou uma lógica de nós contra eles. Que incitou à violência e depois da invasão do Capitólio disse aos invasores: “*We love you*”. Deve ser responsabilizado pelo incitamento à insurreição. Se não o for pela 25.^a emenda, deve sê-lo pelo impeachment.

A responsabilidade recai, também, sobre alguns republicanos que depois da decisão dos tribunais de que não houve fraude eleitoral e contra todas as evidências se dispunham, ainda, a votar contra a confirmação dos resultados. É o reflexo de um processo de radicalização, progressiva, do Partido Republicano que se tem afastado dos princípios democráticos do conservadorismo e aproximado do populismo autoritário. Finalmente, a turba dos invasores que deverão ser criminalmente responsabilizados. Eles são uma forma extrema e violenta, mas que reflecte uma tendência em movimento na cultura política americana.

Num clássico da ciência política, Almond e Verba definiram, nos anos 60, as características da cultura cívica americana: apoio à democracia, confiança no sistema político e no governo. Ora são estas características que inquiridos recentes mostram estarem, hoje, em crise com maior abertura a soluções iliberais e ao regresso de “líderes fortes”. Agora, desenganem-se os que pensam que isto não tem nada a ver conosco. Porque tem tudo. As tendências nos Estados Unidos são as mesmas na Europa. Só que costumam estar nas margens e Trump trouxe-as para o centro. É preciso encarar estes movimentos como aquilo que são: uma ameaça à democracia. Resolver os problemas que levantam e são reais e combater as soluções que apresentam e são demagógicas. E, sobretudo, não os trazer para o centro da cidade: em silêncios cúmplices ou coligações oportunistas.

<https://www.publico.pt/2021/01/13/mundo/opiniao/assalto-democracia-1946024>

